

FATORES CAUSAIS NA PREDIÇÃO DE CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA NOS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO(*)

ALEXANDRE DO ESPIRITO SANTO(**)

RESUMO

Podem critérios, escolhidos empiricamente, se satisfeitos por um país em desenvolvimento, prever a existência de curso de Biblioteconomia nesse país? O principal objetivo deste estudo é apresentar um método para determinar o poder discriminatório e eficácia de cada critério, num conjunto de dez critérios, como preditor de faculdade de Biblioteconomia. Vinte e um países em desenvolvimento foram amostrados aleatoriamente de um universo de sessenta e três, segundo classificação das Nações Unidas. Através de técnicas estatísticas, incluindo a correlação ponto-bisserial, testou-se a eficácia de critérios como preditores da existência de faculdade de Biblioteconomia nesses países. Os resultados mostram que a maioria dos critérios tem valor preditivo. Todavia, a interação de critérios econômicos, educacionais, e informacionais é condição sine qua non para que surjam cursos de Biblioteconomia nos países em desenvolvimento.

1. INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que muitos fenômenos observados nas sociedades modernas estão relacionados com o estágio de desenvolvimento das sociedades onde os fenômenos têm lugar. Este pressuposto traz a implicação de que tais fenômenos não aconteceriam da mesma forma nas sociedades que não estivessem num dado estágio de desenvolvimento.

Essa teoria pode ser reformulada em termos da existência de um relacionamento universal entre coisas semelhantes. Segundo o princípio do determinismo probabilístico, um fenômeno não acontece no vácuo; onde quer que aconteça, ele pode ser identificado como um efeito de outros fenômenos favoráveis que aconteceram antes.

Embora existam idéias contrárias ao determinismo probabilístico em alguns círculos científicos, o pressuposto subjacente ao trabalho de muitos cientistas é que todo evento tem uma causa antecedente. Aceita-se também que não há uma causa única a nenhum dado evento. Qualquer evento ou fenômeno é causado por muitos fatores interativos ou eventos prévios. A busca de variáveis causais com máxima interação torna-se quase um ato de fé na existência de tais relacionamentos.

Este estudo não pretende demonstrar que duas coisas tendem a variar concomitantemente, como já tem sido

mais apropriadamente demonstrado em muitos trabalhos científicos. Quer-se indicar que algumas variáveis empiricamente selecionadas, presentes em diferentes universos com certas características comuns, mesmo quando heterônomas, podem ser causas associadas na produção de um fenômeno. Mais do que isso, o estudo hasteia-se na crença de que fatores causais do mesmo fenômeno são de alguma forma cumulativos.

1.1. Justificativa para o uso dos critérios

Em geral, aceita-se que nas nações em desenvolvimento, os primeiros cursos superiores pertencem às áreas de Teologia, Medicina e Direito, seguidas por Agronomia e Engenharia. Entretanto, não é conhecido qualquer estudo conclusivo que demonstre cientificamente este conhecimento empírico, e muito menos qualquer evidência de quais outros cursos superiores vêm depois que estes foram estabelecidos.

Talvez não seja exagero afirmar que, nos países em desenvolvimento, mais que em outros, qualquer fator econômico ou cultural está relacionado com quase todo o resto. São variáveis de relacionamento ubíquo. Portanto, um problema natural neste tipo de busca de relacionamento é a falta de unicida-

de dos critérios escolhidos, uma vez que qualquer outro fator econômico ou cultural possa muito bem estar relacionado com a existência de cursos de biblioteconomia numa dada nação.

DOM ADANS⁽¹⁾ dá uma boa descrição deste **qui pro quo**:

...É possível fazer uma lista de fatores não-econômicos de desenvolvimento social, e estes, por sua vez, podem ser correlacionados com vários fatores educacionais. Enquanto tais esforços não identificam especificamente relacionamentos causais, ajudam a mapear o processo de desenvolvimento e sugerem hipóteses para testes lógicos ou empíricos.

Na seleção dos critérios, buscou-se formar três grupos dos mais representativos aspectos educacionais, econômicos e informacionais, em vez de agrupar todos os critérios representando um só aspecto. No estudo, três critérios descrevem aspectos econômicos; três, educacionais e quatro, informacionais. A formação dessas três categorias se assenta na crença em uma interação de fatores que deve acontecer num dado país, antes da emergência de faculdades de biblioteconomia. Acredita-se também numa progressiva cumulação de indicadores sociais heterônomos com um certo grau de semelhança, mas não necessariamente relacionados.

(*) Pesquisa realizada na University of Wisconsin - Madison, 1976.

(**) Doctor of Philosophy (Ph.D.) professor no Centro de Educação Comunicação e Artes; FUEL.

1.2. Limitações no uso da literatura

Outra característica dos critérios usados neste estudo é sua pertinência à década de 70. Por exemplo, o critério para a seleção aleatória dos países em desenvolvimento foi o PNB correspondente a 1973. Esses dois fatos combinados também determinaram qual literatura sobre educação biblioteconômica era relevante.

A fim de que a literatura tivesse atualidade e relevância para os critérios, evitou-se as descrições desatualizadas dos países envolvidos no estudo. Sempre que possível usou-se apenas literatura produzida pelos nativos dos países ou das regiões estudadas. Observadores de fora tendem a comparar o que vêem nos países em desenvolvimento com o que conhecem nos países desenvolvidos. Tais comparações costumam ser descrições tendenciosas da situação em cada país. Como ainda há muito pouca pesquisa biblioteconômica séria realizada nos países do terceiro mundo, as descrições são permeadas com inferências derivadas de comparações e baseadas em opiniões.

1.3. O modelo teórico

Publicadores de testes e psicólogos educacionais têm usado diferentes técnicas para mensuração de desempenho⁽²⁾. Tradicionalmente, essas técnicas têm sido aplicadas para medir desempenho de estudantes. Submetem-se alunos a um teste, consistindo de um conjunto padrão de perguntas, usado para medir uma característica de uma pessoa. Há dois tipos básicos de testes: mensuração por norma e mensuração por critério. MEHRENS & LEHMANN⁽³⁾ estabeleceram a distinção entre esses dois tipos de testes. A primeira mensuração utiliza um grupo normativo. A interpretação do escore de um indivíduo é comparada com os de outros indivíduos do grupo normativo. Na mensuração por critério, interpretamos o desempenho de um indivíduo, comparando-o a um dado critério de proficiência.

Este estudo usa a técnica de mensuração por critérios, sendo estes derivados da experiência. Na interpretação de JACKSON⁽⁴⁾ qualquer teste amostrará o conteúdo de um domínio específico. De fato, dizem GLASER & NITKO⁽⁵⁾ "alguns autores definem testes por critério como aqueles deliberadamente

construídos para produzirem escores diretamente interpretáveis em termos de específicos padrões de desempenho".

A análise que segue estará baseada em alguns desses princípios de mensuração. Dez critérios ou indicadores constituem o instrumento de medida. Cada critério representa um indicador de desenvolvimento num país. Tal qual numa situação de teste os critérios foram construídos deliberadamente. Eles foram aplicados aos vinte e um países amostrados na base de "passa ou não-passa": o país ou atingiu o progresso inerente em cada critério ou não. Desarte, foi pressuposto que o país com maior probabilidade de ter uma faculdade de Biblioteconomia é aquele que satisfaz a maioria dos critérios. Além disso, pressupôs-se que os países com alto escore no teste também teriam alto escore em outros indicadores do mesmo constructo.

Os critérios usados como possíveis preditores de cursos de Biblioteconomia em qualquer dos 21 países em desenvolvimento são tidos como indicadores do progresso necessário para que um país tenha uma faculdade de Biblioteconomia. Porém, eles são pela própria natureza necessariamente conectados com muitos outros, não considerados neste estudo, mas que com eles formam um "nexo para o desenvolvimento de faculdades de Biblioteconomia".

bre indicadores sociais e econômicos (veja bibliografia) antes da seleção da amostra.

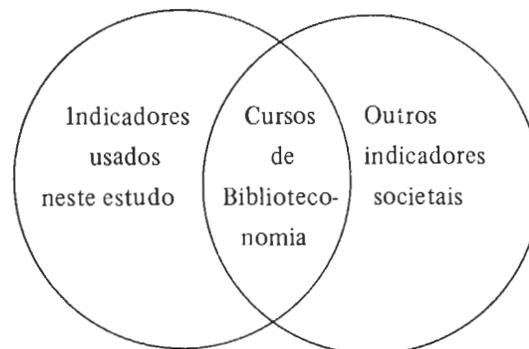
- I. pelo menos 2,5% do PNB aplicados em Educação em 1973.
- II. pelo menos U\$ 200,00 per capita em 1973.
- III. pelo menos U\$ 242 milhões de ajuda econômica americana ou soviética no período de 1958-65.
- IV. pelo menos três Universidades já fundadas em 1973.
- V. pelo menos 1.000 alunos por um milhão de habitantes, matriculados em cursos superiores em 1973.
- VI. pelo menos 50% da população é alfabetizada até 1973.
- VII. pelo menos uma associação de bibliotecários em 1973.
- VIII. pelo menos 1.000 títulos de livros novos publicados em 1973.
- IX. pelo menos 15 revistas científicas sendo publicadas em 1973.
- X. pelo menos 100 bibliotecas institucionais em 1973.

Para fins de análise, esses critérios foram agrupados em três conjuntos:

- Econômicos: I, II, III
- Educacionais: IV, V, VI
- Informacionais: VII, VIII, IX, X.

Esta divisão dos critérios servirá para indicar se eles se agrupam em uma nação em desenvolvimento quando o país tem pelo menos uma faculdade

FIGURA 1. NEXO PARA O DESENVOLVIMENTO DE CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA.



Portanto, a existência de curso de biblioteconomia em um dado país pode ser entendida como o resultado da intersecção dos indicadores deste estudo com outros indicadores existentes na sociedade, como ilustra o diagrama.

de Biblioteconomia. Também será possível demonstrar o grau de interação entre os grupos de critérios que tem lugar, antes que se estabeleça uma faculdade de Biblioteconomia num país em desenvolvimento.

2. METODOLOGIA

2.1. Os dez critérios

Os seguintes critérios foram escolhidos de oito obras de referência so-

2.2. Os países em desenvolvimento

Vinte e um países foram aleatoriamente selecionados de uma lista de

(*) Esta e outras três obras da Organizações das Nações Unidas (ONU) utilizadas neste trabalho estão citadas na "Bibliografia".

sessenta e três países do terceiro mundo, segundo indicações das "Nações Unidas" e publicadas em **WORLD ECONOMIC SURVEY, 1974**. Esses sessenta e três países estão entre aqueles que tiveram um crescimento de PNB de 3% a 10% em 1973. Como era provável que essa larga abrangência percentual de crescimento incluiria países em diferentes estágios de crescimento, pressupôs-se que uma amostragem aleatória sistemática de um terço (cada terceiro país na lista) daria uma distribuição normal de erro de amostra.

Os países aleatoriamente escolhidos pertencem a três grandes continentes:

ÁFRICA: Chade, Congo, Egito, Malawi, Mauritània, Tunísia, Zaire e Somália.

ÁSIA: Hong Kong, Israel, Coréia, Paquistão, Arábia Saudita, Singapura e Tailândia.

AMÉRICA LATINA: Bolívia, Brasil, Chile, Guatemala, Paraguai e Venezuela.

2.3. Técnicas estatísticas empregadas

Como as técnicas empregadas neste

3. RESULTADOS^(*)

QUADRO 1. Distribuição de freqüência dos dez critérios dicotomizados, correspondentes aos países em desenvolvimento.

CRITÉRIOS	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	TOTAL	CURSOS BIBLIOTECÔNOMICOS
PAÍSES												
Arábia Saudita	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	3	1
Bolívia	0	0	1	1	1	0	1	0	1	1	6	0
Brasil	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	10	18
Chade	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2	0
Chile	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	2
Congo	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	3	0
Coréia	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	10	6
Egito	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	9	1
Guatemala	0	1	0	1	1	0	1	0	1	0	5	0
Hong Kong	1	1	0	1	1	1	1	1	0	1	8	1
Israel	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	10	4
Malawi	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Mauritània	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2	0
Paquistão	0	0	1	1	1	0	1	1	1	1	7	5
Paraguai	0	1	1	0	1	0	1	0	1	0	5	1
Singapura	1	1	0	0	1	1	1	0	0	1	6	1
Somália	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Tailândia	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	9	3
Tunísia	1	1	1	0	1	0	1	0	1	1	7	2
Venezuela	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	10	2
Zaire	1	0	1	1	1	0	1	0	0	0	5	0
TOTAL	16	12	11	13	17	10	16	9	12	12	128	47

(*) Dada a natureza deste trabalho e ao arranjo das suas partes estruturais, esta seção não inclui as interpretações de dados que comumente são feitas nela.

estudo são comumente usadas para medir desempenho de estudantes e, possivelmente, nunca foram usadas para medir o que se pretende, sinto que se fazem necessárias as seguintes justificativas:

2.3.1. Correlação ponto-biserial (Rpbis)

Rpbis dá a correlação entre um item e o escore total, baseado na soma de outros n-1 itens restantes no teste de n itens.

Quando o Rpbis é usado o item dicotomizado é tratado como uma verdadeira dicotomia, isto é, somente se considera duas posições distintas, certo e errado.

GUILFORD⁽⁶⁾ uma autoridade em Rpbis, explica o que esse r faz e para que serve, quando ele o compara com o r bisserial:

"Um argumento a favor do r ponto-biserial é que ele nos diz mais sobre a contribuição de um dado item para a validade preditiva do teste total do que o r bisserial. O

Rpbis, tende a favorecer os itens de dificuldade média, ou seja, com proporção correta em torno de 0,5.

Esses itens tendem a fazer mais discriminações entre bons e maus estudantes do que os itens com valores p altos ou baixos. Isto significa que o r ponto-biserial pode ser entendido como uma medida combinada de relacionamento item-critério e de nível de dificuldade".

Entretanto, o uso dessa medida correlacional neste trabalho se assenta primariamente na explicação dada por DAS GUPTA⁽⁷⁾.

"Às vezes se pressupõe que o caráter qualitativo tem um ponto na distribuição, isto é, toda a população é segregada em um número de pontos distintos no que concerne à característica.

Quando o número de categorias (ou pontos) dado pelo caráter qualitativo é dois, então qualquer sistema de escores pode ser reduzido aos escores 0 e 1. Neste caso,

o coeficiente de correlação produto-momento conhecido como *Rpbis* mede a associação linear entre os dois caracteres”.

2.3.2. Outras mensurações

Além da correlação *Rpbis*, usar-se-á também o coeficiente ϕ (PHI) uma vez que é considerado um caso especial da correlação produto-momento e é aplicável quando o critério é uma dicotomia. Para aumentar a evidência serão também desenvolvidos os seguintes indicadores estatísticos:

- a) índice de dificuldade em relação a cada critério;
- b) desvio normalizado (z) de cada país de média;
- c) proporção de países que satisfizeram cada critério;
- d) o escore médio dos países que satisfizeram cada critério;
- e) porcentagem de variância nos escores totais que é devida ao preenchimento de um dado critério.

O índice de dificuldade deve informar-nos a dificuldade média do critério para o país médio nesta investigação, em que o fator chance de sucesso pode ser ignorado. Um país médio deve ser capaz de satisfazer cerca da metade dos critérios, se são de fato indicadores válidos da existência de cursos de Biblioteconomia.

O desvio normalizado (z) deve demonstrar quais países têm maiores desvios da média. Portanto, tais países têm pouca chance de ter cursos de Biblioteconomia, se os critérios são bons preditores. A proporção dos países que satisfizeram cada critério é uma outra forma para indicar quais critérios discriminam mais os países que têm e os que não têm cursos de Biblioteconomia.

O escore médio de países que satisfizeram cada critério deve indicar que os países possuidores do atributo implícito no critério estará acima ou igual à média geral.

Finalmente, a porcentagem de variâncias nos escores totais que é devida ao preenchimento de um dado critério nos diz a porcentagem de variância que o critério e os escores totais têm em comum. Os estatísticos da educação dizem que, se a proporção de variância nos escores totais devido a um item for menos de 9%, o item não é bom.

QUADRO 2. Distribuição dos países amostrados, que ficaram acima e abaixo da média, no total dos critérios dicotomizados.

Países acima da média (6,10)	Países abaixo da média (6,10)
Brasil	Arábia Saudita
Chile	Bolívia
Egito	Chade
Hong Kong	Congo
Israel	Guatemala
Coréia	Malawi
Paquistão	Mauritânia
Tailândia	Paraguai
Tunísia	Singapura
Venezuela	Somália
	Zaire

QUADRO 3. Correlação entre critério e escores totais.

CRITÉRIOS	Rpbis	CRITÉRIOS	Rpbis
I	-0,05	VI	0,71
II	0,56	VII	0,75
III	0,64	VIII	0,19
IV	0,70	IX	0,71
V	0,45	X	0,85

QUADRO 4. Porcentagem de variação nos escores totais, que é devida à satisfação de um dado critério.

CRITÉRIOS	% VARIAÇÃO	CRITÉRIOS	% VARIAÇÃO
I	0,02	VI	0,50
II	0,31	VII	0,56
III	0,40	VIII	0,03
IV	0,49	IX	0,50
V	0,20	X	0,70

QUADRO 5. Correlação entre os escores de países que satisfizeram mais de 5 critérios e têm cursos de Biblioteconomia e os que satisfizeram e não têm, com aqueles que satisfizeram cinco ou menos critérios, e têm ou não têm.

	SATISFIZERAM	NÃO SATISFIZERAM
CRITÉRIOS > 5	A = 11	B = 1
CRITÉRIOS ≤ 5	C = 2	D = 7
	$\phi = 0,70$	

QUADRO 6. Escore médio de países que satisfizeram os critérios.

CRITÉRIOS	Mi	CRITÉRIOS	Mi
I	6,0	VI	8,4
II	7,6	VII	7,4
III	8,0	VIII	6,8
IV	7,8	IX	8,0
V	6,8	X	8,4

QUADRO 7. Proporções de países que satisfizeram os critérios.

CRITÉRIOS	Pi	CRITÉRIOS	Pi
I	0,76	VI	0,48
II	0,57	VII	0,76
III	0,52	VIII	0,43
IV	0,62	IX	0,57
V	0,80	X	0,57

QUADRO 9. Índices de dificuldade para a satisfação de critérios.

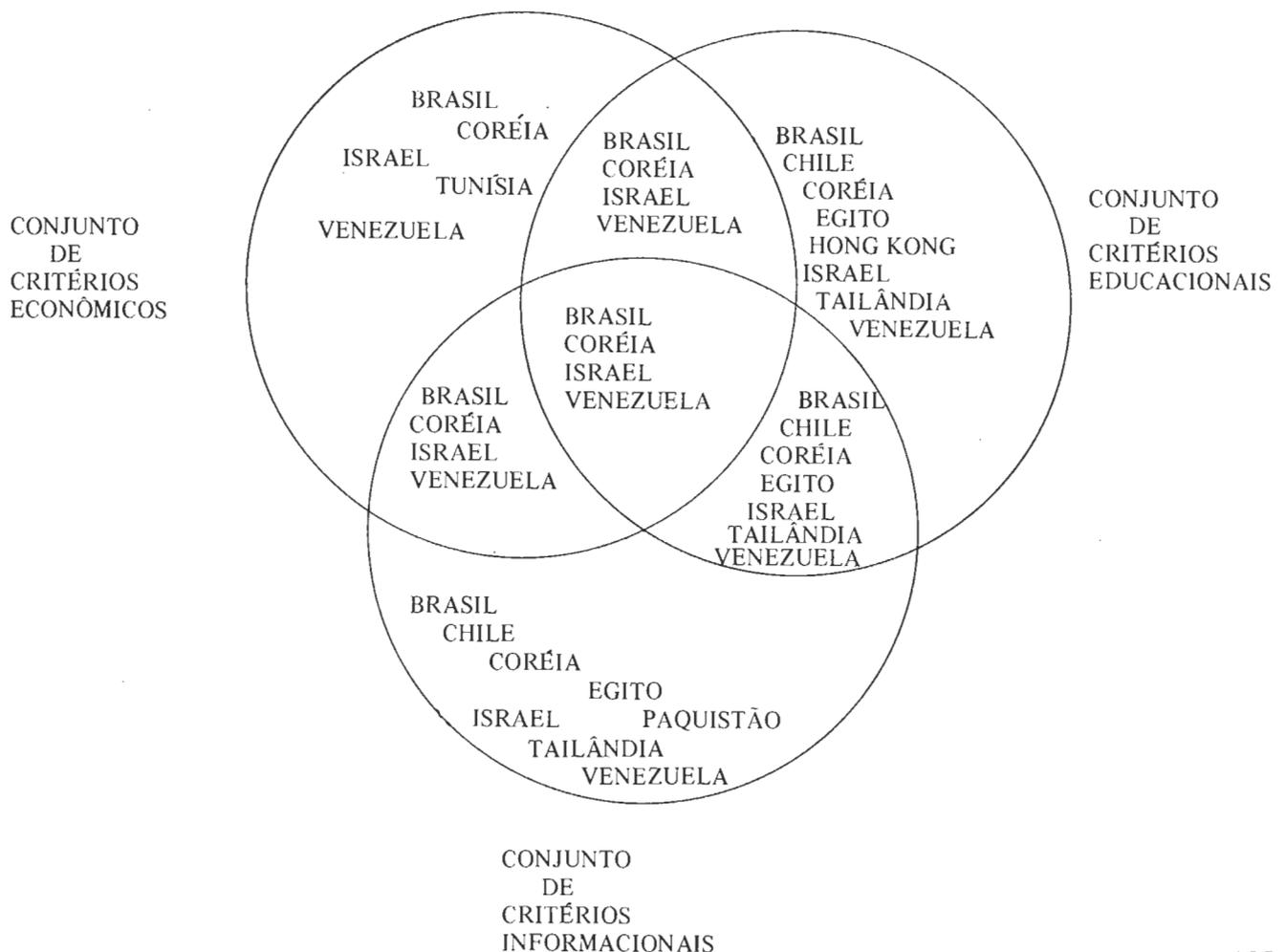
CRITÉRIOS	Di	CRITÉRIOS	Di
I	0,76	VI	0,47
II	0,57	VII	0,76
III	0,47	VIII	0,43
IV	0,62	IX	0,57
V	0,81	X	0,57

QUADRO 8. Escores Z dos países da amostra.

PAÍSES	Zi	PAÍSES	Zi
Arábia Saudita	- 1,00	Malawi	- 1,60
Bolívia	- 0,03	Mauritânia	- 1,30
Brasil	+ 1,26	Paquistão	+ 0,29
Chade	- 1,30	Paraguai	- 0,35
Chile	+ 0,90	Singapura	- 0,03
Congo	- 1,00	Somália	- 1,60
Coréia	+ 1,26	Tailândia	+ 0,94
Egito	+ 0,90	Tunísia	+ 0,29
Guatemala	- 0,35	Venezuela	+ 1,26
Hong Kong	+ 0,60	Zaire	- 0,35
Israel	+ 1,26		

Doação à Biblioteca da FEA, deixada pela professora do Departamento de Educação, Dra. Vani Ruiz Viessi. 1987

FIGURA 2 - DIAGRAMA DOS CONJUNTOS DOS CRITÉRIOS COM INDICAÇÕES DOS PAÍSES QUE OS SATISFEZERAM INTEIRAMENTE.



4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1. Dos Critérios

4.1.1. O Grupo Econômico (I, II, III)

Entre os critérios pertencentes a este grupo, o critério III (pelo menos US 242 milhões de ajuda econômica americana ou soviética - 1965-1973), foi o mais difícil de satisfazer. O montante de ajuda americana representa apenas a média de ajuda a todos os países, segundo *WORLD HANDBOOK OF POLITICAL AND SOCIAL INDICATORS*⁽⁸⁾, uma vez que a média de ajuda soviética é mais alta. Como Hong Kong e Singapura não eram independentes em 1965, não receberam nenhuma ajuda. Logo, não puderam preencher este critério.

A importância do critério III para esta pesquisa está no presumido impulso que tais ajudas dão à infra-estrutura do país recipiente. O índice de dificuldade para satisfação do critério III foi (0,47), um dos mais baixos entre outros critérios (quadro 9). O baixo desempenho dos países que não preencheram este critério é evidenciado pelo quadro 2; quase todos estão abaixo da média global. Esta inferência é substantiada também pelo quadro 1; oito dos onze países que o efetivaram têm escores totais acima da média.

Outra observação relacionada com o critério III é sua associação com as nações da amostra que têm cursos de Biblioteconomia. Das onze nações que o possuíram, quatro têm mais de três cursos; quatro, mais de um; uma, apenas um; e somente duas, não têm nenhum. Com exceção da Coreia, que recebeu ajuda dos Estados Unidos e da União Soviética, todas as outras dez nações receberam ajuda apenas dos Estados Unidos.

Portanto, pode-se pressupor que este critério é um bom discriminador entre outros critérios usados. Logo, é possível que a ajuda econômica dada aos países da amostra está associada com a existência de cursos de Biblioteconomia desenvolvidos neles.

O critério I (pelo menos 2,5% do PNB empregados em Educação) é o único deste grupo de critérios que apresenta correlação negativa com os outros critérios ($R_{pbis} = -0,05$) como demonstra o quadro 3. Somente cinco países não o satisfizeram e destes somente dois não têm cursos de biblioteconomia. Como não é razoável pensar que o montante de dólares empregados em educação seja irrelevante para o

estabelecimento de cursos de Biblioteconomia em um dado país, é plausível inferir, desconta dos outros fatores, que o critério seja muito baixo. Outro fato contra este critério é a sua baixa percentagem de variação (quadro 4) sobre sua relativa falta de identidade com os escores totais. Além disso, este critério está entre os mais fáceis no índice de dificuldade (quadro 9).

4.1.2. O Grupo Educacional (IV, V, VI)

Deste grupo, o único critério com baixa correlação ($R_{pbis} = 0,45$) é o critério V (pelo menos 1.000 estudantes de nível superior por 1 milhão de habitantes). Todavia, sua contribuição para a variância total (0,20) o torna útil, como mostra o quadro 4. O quadro 9 indica ser este também o critério mais fácil de satisfazer. Dos quatro países que não satisfizeram este critério, somente um tem um curso de Biblioteconomia (quadro 1). Mas, todos os quatro (Arábia Saudita, Malawi, Mauritânia e Somália) estão abaixo da média (quadro 2).

Sem nenhuma surpresa, o critério VI (pelo menos 50% da população é alfabetizada) é um dos mais difíceis de preencher - (quadro 7). Entre as onze nações que carecem deste critério educacional (Arábia Saudita, Bolívia, Chade, Guatemala, Malawi, Mauritânia, Paquistão, Paraguai, Somália, Tunísia e Zaire) seis delas são nações africanas recentemente independentes, com mais de três milhões de habitantes, exceto Mauritânia.

Outro fator indicativo da importância deste critério como preditor de curso de Biblioteconomia em países do terceiro mundo está na verificação de que sete das onze nações citadas não têm dito curso. Essas sete nações são também, de toda a amostra, a maioria das que não têm cursos de Biblioteconomia (8 de 21 países). Somente Paquistão, entre as nações que não satisfizeram este critério, tem cursos de Biblioteconomia (quadro 1). Tais verificações enfatizam alto nível de alfabetização como um importante fator para a existência de cursos de Biblioteconomia nos países em desenvolvimento.

4.1.3. O Grupo Informacional (VII, VIII, IX, X)

O critério VIII (pelo menos 1.000 títulos publicados em 1973) é deste

grupo, o que tem mais baixa correlação com os escores totais ($R_{pbis} = 0,19$). Os outros critérios VII, IX e X estão correlacionados acima de 0,70 (quadro 3). A porcentagem de variação que este tem (0,03) sugere que ele não está contribuindo em grau aceitável. Portanto, pode-se afirmar que se trata de um critério fraco para as finalidades deste estudo. Trata-se também de um critério difícil de preencher pelos países da amostra (índice de dificuldade $\hat{=} 0,43$). De fato, como demonstra o quadro 9, é o critério mais difícil.

Entretanto, como sói acontecer com critérios difíceis, o critério VIII é também um bom discriminador. Somente países que estão bastante acima da média global o satisfizeram (Brasil, Chile, Egito, Hong Kong, Israel, Coreia, Paquistão, Tailândia e Venezuela). Além disso, todos esses nove países têm cursos de Biblioteconomia (quadro 1). Sua forte associação com a variável dependente está na verificação de que cinco das oito nações que satisfizeram o critério VIII têm mais de dois cursos de Biblioteconomia.

O critério VII (pelo menos uma associação de bibliotecários) foi surpreendentemente bastante fácil de satisfazer (0,76). Mais do que isso sua correlação com os escores totais é relativamente alta ($R_{pbis} = 0,75$). Três dos oito países que não têm cursos de Biblioteconomia preencheram este critério, e nenhum dos que têm tais cursos deixaram de o satisfazer.

Pouco existe de notável sobre o critério IX (pelo menos 15 revistas científicas, sendo publicadas em 1973) e X (pelo menos 100 bibliotecas institucionais em 1973). Pode-se dizer que no todo são os mais adequados. O critério X recebeu a mais alta correlação com os escores totais ($R_{pbis} = 0,85$) e sua contribuição para a variância é concomitantemente a mais alta também (0,72). Os critérios IX e X se igualam no índice de dificuldade (0,57). Além disso, com exceção de quatro países, aqueles que atingiram satisfatoriamente o critério IX, também preencheram o critério X. Esta verificação sugere que número de bibliotecas e número de revistas científicas publicadas nos países amostrados podem estar relacionados.

4.2. Dos países

4.2.1. ÁFRICA: Chade, Congo, Egito, Malawi, Mauritânia, Somália, Tunísia e Zaire

Somente Egito e Tunísia deste grupo de países africanos estão acima da média (quadro 2) coerentemente com outros dados, os cinco restantes (62,5%) não têm cursos de Biblioteconomia (quadro 1) e têm Zs negativos (quadro 8). Estes cinco países estão também entre os menos desenvolvidos das jovens nações africanas, tanto em termos econômicos quanto educacionais⁽⁸⁾.

Os países deste grupo, Somália e Malawi são os únicos de toda a mostra que satisfizeram apenas um critério (critério I, um dos três mais fáceis no índice de dificuldade). Problemas de língua e falta de escolas⁽⁹⁾ fazem da Somália o país com maior taxa de analfabetismo do mundo (95%).

Chade, Congo, Mauritânia e Zaire eram colônias francesas. A situação da educação biblioteconômica neles é bem caracterizada pelo bibliotecário nativo da África Ocidental, C.C. AGUOLU⁽¹⁰⁾, escrevendo sobre a profissão, ele conclui:

Um dos elementos básicos de uma profissão – uma associação profissional – não existe a nível nacional em nenhum país africano de língua francesa, e educação profissional como é entendida nos países de língua inglesa também não existe.

Chade, Malawi, Mauritânia e Somália, têm escores totais mais baixos de toda a amostra (Quadro 1). Com nações em tal estágio de desenvolvimento, a observação de BRAMLEY⁽¹¹⁾, embora um pouco precipitada, não parece fora de contexto:

Uma decisão básica que precisa ser tomada é se os cursos africanos de Biblioteconomia devem educar futuros líderes da profissão ou se o seu papel deve ser o de treinar jovens bibliotecários para preencher o crescente número de postos de auxiliares nos incipientes serviços bibliotecários da África, deixando que os líderes em Biblioteconomia emergam por um processo de seleção natural.

No Congo, Egito e Tunísia, a UNESCO tem desenvolvido atividades visando à educação biblioteconômica e treinamento através de cursos de curta duração⁽¹²⁾. Porém, em outras nações deste grupo, as atividades da UNESCO tem sido limitadas ao fornecimento de livros e equipamentos⁽¹³⁾. Nestas nações, co-

mo sugere BRAMLEY, a educação biblioteconômica, quando iniciada, deve ser flexível bastante para satisfazer as necessidades dos serviços bibliotecários locais, se desejamos que ela esteja sintonizada com a realidade. Sobre isto, ADELABU⁽¹⁴⁾ indica que “bibliotecários profissionais ainda estão engajados em serviços de rotina, técnicas e procedimentos que não exigem completo conhecimento profissional”.

De fato, a lacuna entre os países do grupo total em termos dos escores totais obtidos (Quadro 1) não é tão grande quanto entre países deste grupo e alguns países dos outros dois grupos. Mais do que isso, em termos destes critérios apenas, a diferença em escores entre os países mais destacados (> 6) e muitos dos outros (≤ 6) é tal que somente 9 dos países constituem 70% dos escores totais, o que explica o coeficiente \emptyset (PHI) relativamente alto (Quadro 5).

Somente Tunísia, entre os países franco-fônicos deste grupo, respondeu bem aos critérios, e tem dois cursos de Biblioteconomia. Surpreendente é o caso do Egito que satisfaz nove dos dez critérios, mas tem apenas um curso, que é basicamente apenas um curso de treinamento. Uma possível explicação para esta baixa predição dos critérios, no que concerne ao número de cursos de Biblioteconomia, pode ser o pequeno número de Universidades em ambos os países (Tunísia, 3 e Egito, 4)⁽¹⁰⁾. BRAMLEY⁽¹¹⁾ dá uma boa interpretação de tal deficiência:

“Universidades nos países em desenvolvimento frequentemente desconsideram estudos biblioteconômicos como disciplina adicional aos seus currículos. Invariavelmente há falta de professores treinados. Os bibliotecários experientes são em geral muito comprometidos com o desenvolvimento de serviços bibliotecários no país”.

Aparentemente a situação não é muito diferente em muitos outros países mais desenvolvidos do continente. Mesmo nas instituições elitistas nesses países, o bibliotecário profissional não é distinguido de um auxiliar, mesmo se reconhecendo que o profissional é graduado em escolas superiores que seguem os padrões americanos ou ingleses⁽¹⁴⁾. A preocupação com status pelos bibliotecários de universidades africanas dos países mais desenvolvidos⁽¹⁵⁾ pode ser um bom sinal para a evolução da educação biblioteconômica que começava no

continente havia trinta e quatro anos⁽¹⁶⁾.

4.2.2. ÁSIA: Arábia Saudita, Coréia, Hong Kong, Israel, Paquistão, Singapura e Tailândia

Dos países deste grupo, Coréia, Hong Kong, Israel, Paquistão e Tailândia estão acima da média (Quadro 2) e são responsáveis por 40% do número total de cursos de Biblioteconomia da amostra (Quadro 1). Singapura (próximo da média) e Arábia Saudita estão entre os únicos três países de toda a amostra que estão abaixo da média e têm cursos de Biblioteconomia.

Este grupo asiático constitui o grupo mais forte da amostra, tanto pela contribuição aos escores totais (42%) como pelo número de cursos de biblioteconomia. Coréia, Israel, Paquistão e Tailândia sozinhos são responsáveis por 38% dos cursos em toda a amostra e por 85% do grupo. Porém, mais importante para este estudo é o desempenho deles na escala dos critérios: nenhum obteve menos que sete pontos.

Esses quatro países têm tido considerável influência americana em seus programas de educação biblioteconômica. Coréia⁽¹⁷⁾ e Tailândia⁽¹⁸⁾ são bons exemplos dessa influência. Tailândia, com pelo menos cinco cursos, iniciou o primeiro em 1955, fundado por professores americanos. Israel⁽¹⁹⁾ possui o mais desenvolvido programa de educação biblioteconômica dentre os quatro. Porém, naquele país a influência é da Inglaterra⁽²⁰⁾.

Hong Kong é uma notável exceção entre os países deste grupo. Embora tenha atingido oito pontos na escala, tem somente um curso de Biblioteconomia. Todos os outros países da amostra que obtiveram 8 ou mais pontos têm pelo menos dois cursos. Sua atuação biblioteconômica tem sido descrita diferentemente por dois nativos. T. CHOW⁽²¹⁾ escrevendo sobre serviços de bibliotecas públicas naquele país afirma que em 1974 havia cerca de oitenta bibliotecas, mas “infelizmente o número de bibliotecas não tem qualquer relacionamento com recursos bibliográficos ou recursos físicos adequados”. Por outro lado, P. POON⁽²²⁾ se queixa da falta de atenção que as bibliotecas e a biblioteconomia de Hong Kong tem recebido da literatura e afirma que:

“a situação da biblioteconomia em Hong Kong não é tão desolada e inativa como a pobreza de

contribuições as revistas bibliotecônicas internacionais pode sugerir”.

Finalmente, Paquistão, com cinco cursos de Biblioteconomia coloca-se em terceiro lugar na amostra. Sua situação bibliotecônica é uma das melhores do grupo⁽²³⁾ e o país é um dos primeiros a possuir curso de Pós-Graduação na disciplina⁽²⁴⁾. Mas, as maiores conquistas deste país parece ser na área de bibliotecas públicas, como relatado por KHURSHID⁽²⁵⁾. Ele apresenta o crescente sistema de bibliotecas públicas e dá crédito ao curso de Biblioteconomia na Universidade de Karachi. Afirma que essa Universidade tem ampliado a imagem de bibliotecas públicas “oferecendo cursos tais como: serviços de bibliotecas públicas; serviços públicos infantis e adolescentes; e serviços bibliotecários a comércio e indústria”⁽²⁵⁾. Portanto, a despeito de sua grande população e seu baixo nível de alfabetismo, este país apresenta um programa promissor de educação bibliotecônica.

4.2.3. AMÉRICA LATINA:

Bolívia, Brasil, Chile, Guatemala, Paraguai e Venezuela

Este grupo não é apenas o menor dos três da amostra, mas tem também certas peculiaridades. Enquanto o grupo africano é quase igual pela sua pobreza geral em termos bibliotecômicos, e o grupo asiático, relativamente rico, neste terceiro grupo encontramos uma situação muito incongruente. O Brasil sozinho é responsável por 40% do número total de cursos de Biblioteconomia de toda a amostra, enquanto Bolívia e Guatemala está entre os que não têm. Quanto aos escores Z destes dois países e do Paraguai são respectivamente - 0,03; - 0,35; e - 0,35. Ainda, Brasil, Venezuela e Chile receberam 1,0; 1,0 e 0,90, que os colocam entre os mais altos.

Outra notável característica dos países deste grupo é que todos satisfizeram pelo menos a metade dos critérios, e somente dois países que não têm cursos de Biblioteconomia (Bolívia e Guatemala) deixaram de preencher os critérios I, VI, VIII (pertencentes aos três conjuntos de critérios), que são, exceto pelo I, os mais difíceis de satisfazer (Quadro 9).

Embora Guatemala não esteja listada no “Guia da UNESCO” (usado como fonte dos cursos de biblioteconomia), o

“Guia de Escuelas y Cursos de Biblioteconomia y Documentación en America Latina, 1975”⁽²⁶⁾ lista um curso com 20 alunos em 1974. Dessarte, Bolívia passa a ser o único país do grupo latino-americano que não possui cursos de Biblioteconomia. Todavia, os consultores da UNESCO⁽²⁷⁾ e expertos latino-americanos⁽²⁸⁾ têm implantado vários programas bibliotecômicos.

A situação do Brasil^(*) no que tange aos objetivos deste estudo requer poucos comentários. Como já indicado, sua posição na amostra, tanto no que concerne à satisfação dos critérios quanto ao número de cursos de Biblioteconomia, destaca-se de outros países. Pelos dados fornecidos pelo “Guia”⁽²⁶⁾ a média de produção dos 18 cursos é de 414 graduados por curso, desde suas fundações, com uma média de 16 professores por curso. (Embora muitos sejam de tempo parcial).

Todavia, devido a sua grande população, muito ainda terá que ser feito para satisfazer a demanda. Presentemente, há cerca de um bibliotecário para cada 10.000 habitantes. Um obstáculo ao aumento da produtividade dos cursos de Biblioteconomia, comum aos países latino-americanos é a falta de fundos para suas operações. JACKSON⁽²⁹⁾ observa que muitos cursos são obrigados a cobrar pequenas taxas sobre materiais para suplementar seus orçamentos.

A qualidade do trabalho de ensino e pesquisa em alguns desses 18 cursos é um assunto muito sério, quando se considera que a maioria dos seus professores é de tempo parcial e possui apenas o curso de graduação. Entretanto, aumenta-se a preocupação com a educação contínua e profissionalização através do crescente número de associações da classe e dos novos programas de pós-graduação.

A produção de pesquisa em biblioteconomia é ainda incipiente, mas os fundamentos estão sendo lançados nos cursos de pós-graduação e em vários outros programas de caráter nacional. Em resumo, a biblioteconomia no Brasil está florescendo, e sua predisposição em aprender de outros países, sua flexibilidade e abertura para as inovações podem ser vistas como forças que logo levará a educação bibliotecônica brasileira a uma completa maturidade.

Os esforços de Venezuela e Chile,

ambos com apenas dois cursos, têm sido bem mais modestos que os do Brasil. De acordo com o “Guia”⁽²⁶⁾ os cursos venezuelanos têm produzido cerca de 529 graduados até 1974. E, de acordo com o **ALEBCI BOLETIM INFORMATIVO**⁽³⁰⁾ os cursos chilenos formaram 343 até 1970. Todavia, segundo ZIMMERMAN⁽³¹⁾ dos países da América Latina, Chile é o país com mais forte tradição bibliográfica.

5. CONCLUSÕES

Uma vez que o principal objetivo deste estudo era determinar a propriedade dos dez critérios como preditores de cursos de Biblioteconomia numa amostra de países em desenvolvimento, pode-se concluir que:

5.1. Considerando os dados analisados, os critérios podem ser considerados bons preditores; parecem ter valor preditivo;

5.2. Os critérios I, VI, V e VII foram satisfeitos pela maioria dos países. Aqueles que não satisfizeram estes critérios não tinham cursos de Biblioteconomia;

5.3. Critérios I, VII, e V foram muito fáceis e provavelmente com pouco poder discriminador;

5.4. O critério VIII foi muito difícil para a maioria dos países, porém aqueles países que o satisfizeram tinham mais de um curso de Biblioteconomia;

5.5. Os países que preencheram os critérios VI, IX, III e X tiveram os escores médios mais altos;

5.6. Entre os países que estão abaixo da média, os que tinham curso de Biblioteconomia (Paraguai, Arábia Saudita, Singapura) satisfizeram o critério II (econômico) que foi um importante discriminador;

5.7. Aparentemente há necessidade de interação entre os três conjuntos de critérios (econômicos, educacionais, informacionais) antes que um país tenha cursos de Biblioteconomia, uma vez que nenhum país com tais cursos satisfizesse os critérios de apenas um conjunto;

5.8. O grupo latino-americano respondeu um pouco melhor aos critérios que os do grupo asiático, e muito melhor que o grupo africano. Porém, não fosse pela presença do Brasil na amostra, o número de cursos de biblioteconomia teria sido mais equitativamente distri-

(*) As descrições do **status quo** bibliotecômico do Brasil assim como de outros países já não eram tão atualizadas no ano em que foi feita esta pesquisa (1977). Porém, a descrição do **status quo** não é o principal interesse do trabalho.

buído entre os três grupos de países; 5.9. Se podemos acreditar que os critérios utilizados aqui são tão bons quanto outros equivalentes, então a existência de cursos de Biblioteconomia em países em desenvolvimento de fato exige a interação de fatores econômicos, educacionais e informacionais, antes do seu surgimento.

ABSTRACT

Can intuitively chosen criteria, if satisfied by a developing nation, predict the existence of library school in that nation? The main objective of this study is to determine the discrimination power and effectiveness of each criterion from a set of ten criteria as predictor of library school. Twenty-one developing countries were randomly sampled from a universe of sixty-three. Through use of statistic techniques including the point-biserial correlation (R_{pbis}) the effectiveness of each criterion as good predictor of library school was tested. The results show that most criteria have good predictive value, but interaction between economic, educational and informational criteria is a sine qua non for the existence of library schools in developing nations.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. ADAMS, Don The Study of Education and Social Development. *Comparative Education Review*, 9: 263, 1965.
 2. ANASTASI, A. *Psychological Testing*. 3.ed. Toronto, Collier-Macmillan, 1968. p. 3.
 3. MEHRENS, W.A. & LEHMAN, I.J. *Measurement and Evaluation in Education and Psychology*. New York, Holt, 1969. p. 63.
 4. JACKSON, R. Developing Criterion-Referenced Tests. In: _____, *ERIC Clearinghouse on Tests, Measurement and Evaluation*. 1970.
 5. GLASER, R. & NITKO, A. J. Measurement in Learning and Instruction. In: THORNDIKE, Robert L. (ed.). *Educational Measurement*. 2.ed. Washintong, D.C., American Council on Education, 1971.
 6. GUILFORD, J.P. & FRUTCHER, B. *Fundamental Statistics in Psychology and Education*. New York, McGraw-Hill, 1973. p. 498.
 7. DAS GUPTA, S. Point-Biserial Correlation Coefficient and its Generalization. *Psychometrika*, 25 (4): 393, dez., 1960.
 8. TAYLOR, C.L. & HUDSON, M.C. *World Handbook fo Political and Social Indicators*. New Haven, Yale University Press, 1973. *Social Indicators*. 2.ed. New Haven, Yale University Press, 1973. p. 360-2.
 9. THE STATESMAN'S YEARBOOK, 1974-1975.
 10. AGUOLU, C.C. Library Association in West Africa and the Concept of a Progression. *International Library Review*, 8: 23-31, 1976.
 11. BRAMLEY, Gerald, *World Trends in Library Education*. London, Linnet Books, 1975. p. 137, 157, 129.
 12. UNESCO Activies 1967-71. *Unesco Bulletin for Libraries*, 25: (6): 318.
 13. UNESCO Field Activities. *Unesco Bulletin for libraries*, 25 (3): 135.
 14. ADELABU, A. Professional Staff of Tomorrow's Future in African University Libraries: some postulates and prosals. *International Library Review*, 6: 299-308, 1974.
 15. DARCH, Colin The Status of Professional Librarians in African Universities. *International Library Review*, 7: 497-502, 1975.
 16. AKINYOTU, Adetungi A Comparative Study of Education for Librarianship in West Africa. *International Library Review*, 8: 393-513, 1976.
 17. BURGESS, R.S. Korea: case study in American Assistance. *Journal of Educations for Lirarianship*, 1: 183090.
 18. AMBHANWONG, Sthilak Present Scene in Library Education in Universities in Thailand. *International Library Review*, 7: 369-80, 1975.
 19. UNESCO fiel activities. *Unesco Bulletin for Libraries*, 25 (3).
 20. SCHANDER, Donald E. The Israeli Library Scene. *International Library Review*, 4: 395-408, 1972.
 21. CHOW, T. Library Facilities Available to the Public in Hong Kong. *International Library Review*, 6: 83-90, 1974.
 22. POON, P.W.T. An Annotated Bibliography of Libraries and Librarianship in Hong Kong. *International Library Review*, 7: 479-86, 1975.
 23. RAFIQUE, M.M. *Unesco Bulletin for Libraries*, 25: (2): 79.
 24. HARDER, J. First Gradduate Library School in Pakistan. *Unesco Bulletin for Libraries*, 22: 160-1.
 25. KHURSHID, A. Research Methods in Developing Puclic Library System in the Metropolitan City of Karachi, Pakistan. *International Library Review*, 6: 103-7, 1974.
 26. UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES. Instituto Bibliotecológico. *Gia de Escuelas y Cursos de Bibliotecologia y Documentación en America Latina*. 2a. parte. 1975.
 27. UNESCO Field Activities. *Unesco Bulletin for Libraries*. 25 (3): 134.
 28. SHEPARD, M.D. Education for Librarianship in Latin America *Journal of Education for Librarianship*, 7: 119-34.
 29. JACKSON, W. V. Brazil, Library Education. In: *Encyclopedia of Library and Information Science*. New York, Marcel Dekker, 1970. p. 238.
 30. Asociación Latinoamericana de Escuelas de Bibliotecologia y Ciencias de la Información. 3 (2): Dez. 1974.
 31. ZIMMERMAN, Irene *Current National Bibliographies of Latin America. Studies*, 1971.
- BIBLIOGRAFIA CONSULTADA PARA A ESCOLHA DOS CRITERIOS
- BONE, Larry Earl (ed.). *Library Education: an international survey*. Champaign, Graduate School of Library Science, University of Illinois, 1968.
- BONN, George S. (ed.) *Library Education Education and Training in Developing Countries*. Honolulu, East-West Center Press, 1966.
- STATISTICAL ABSTRACT OF LATIN AMERICA, 1967. Los Angeles,

-
- University of California, Latin America, enter, 1968.
- TAYLOR, Charles L. & HDSON, ichael C. *World Handbook of Political and Social Indicators*. 2a. ed. New Haven, Yale University Press, 1973.
- UNESCO Annuaire Statistique. Paris, 1974.
- UNESCO. *World Guide to Library Schools and Training Courses in Documentation*. Paris, 1972.
- UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. *World Economic Survey, 1974. Part 2: Current Economic Developments* New York, 1975.
- UNITED NATIONS Statistical Yearbook, 1975.
-